

“AS PODERESAS” PRODUZINDO SAÚDE MENTAL: IMPLEMENTAÇÃO DE UM GRUPO DE MULHERES NA ATENÇÃO BÁSICA

JOSIMARA GONÇALVES SCHUSTER¹; ANDRIELE HAMMES²;
CATIANE PINHEIRO MORALES³; CAROLINE RIBEIRO COSTA⁴;
MIRIAM CRISTIANE ALVES⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – josimara.schuster@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – andriele.hammes@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – catianemorales@gmail.com*

⁴*Prefeitura Municipal de Pelotas – carolinecosta.psi@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com*

1. APRESENTAÇÃO

A Psicologia foi inserida no campo da saúde em meados da década de 80 (DIMENSTEIN, 1998). Conforme consta no CREPOP (Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas) sobre as práticas dos psicólogos(as) na Atenção Básica de Saúde (ABS), a atuação deve adaptar-se de acordo com a demanda local (CREPOP, 2010). No entanto, o documento salienta que ainda existe uma predominância do modelo clínico individual, o que não vai ao encontro do que o Sistema Único de Saúde (SUS) preconiza. Além do atendimento individual aos usuários, têm outras formas de atuação possíveis do profissional da psicologia na atenção básica, dentre as quais destacamos o trabalho em grupo.

Como destaca Rasera e Rocha (2010, p. 38) o trabalho com grupo tem demonstrado bons resultados por proporcionar um espaço de inserção social, apresentando novas possibilidades de visualização dos percursos da vida, auxiliando as pessoas a tornarem-se autônomas e capazes de enfrentar suas adversidades. Conforme Alves e Seminotti (2006, p.129), que discutem o grupo numa perspectiva sistêmico-complexa, “sujeito, pequeno grupo e contexto maior são constitutivos uns dos outros a um só tempo, produzindo-se mutuamente, pois cada um abre-se ao outro”. Ou seja, “sujeito, pequeno grupo e sociedade constroem aberturas para além dos próprios limites da compreensão humana, onde nos deparamos com a incompletude, com a instabilidade, com a incerteza, com o caos e com o complexo”.

Face o exposto, o estudo tem como objetivo relatar a experiência de implementação de um grupo de saúde mental na atenção básica, constituído por mulheres em sofrimento psíquico.

2. DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho integra uma das ações do projeto de extensão “Saúde Mental na Atenção Básica: uma clínica ampliada em saúde coletiva” e se constitui como um relato de experiência sobre a implementação de um grupo de saúde mental constituído por mulheres em sofrimento psíquico que buscaram atendimento na Unidade Básica de Saúde Bom Jesus (UBS Bom Jesus), da Rede de Atenção à Saúde (RAS) do município de Pelotas/RS. Atualmente o grupo é formado por 06 mulheres, entre 47 e 61 anos de idade, 04 autodeclaradas negras e 02 brancas. É coordenado por duas estagiárias do Curso de Psicologia da UFPel, e supervisionado pela psicóloga da UBS e pela professora orientadora da universidade.

A proposta do grupo foi construída a partir de reuniões entre a psicóloga da UBS, a professora orientadora e as estagiárias, e posteriormente com as quatro equipes de Saúde da Família (SF) da UBS Bom Jesus, onde foram levantadas necessidades de atendimento terapêutico aos casos leves, moderados e persistentes de saúde mental. Em reuniões de discussão de casos com a psicóloga, foi identificado um conjunto de usuários/as, especialmente mulheres, que necessitavam uma escuta atenta e qualificada a seus conflitos e dificuldades pessoais e existenciais.

Para a construção do grupo terapêutico e, atualmente, para integrar novas usuárias, são realizadas entrevistas iniciais pelas estagiárias. Estas são realizadas em três encontros, um a cada semana, com 50 (cinquenta) minutos de duração. Ao final das entrevistas as usuárias são convidadas a compor o grupo terapêutico ou são encaminhadas para atendimento no Serviço de Psicologia da UFPel.

O grupo se caracteriza como aberto, os encontros são realizados semanalmente, com duração entre 60 e 90 minutos. A cada semana, na abertura do grupo, o contrato terapêutico e o sigilo são retomados, principalmente na presença de novos participantes.

3. RESULTADOS

O espaço grupal é aberto para a troca de vivências, afetos, sentimentos entre os/as participantes, o que tem possibilitado a construção de um importante dispositivo de empoderamento das mulheres. Até a finalização do estágio já realizamos 40 encontros e, ao longo desse período, observamos que o grupo passou por duas fases: uma marcada pela presença da doença e da queixa, e a outra pela potência de vida.

A escuta desta primeira fase foi fundamental para nosso crescimento enquanto estagiárias e, ao mesmo tempo, crescimento do próprio grupo. Quando percebemos que o adoecimento passou a ser a pauta principal, passamos a problematizar o nosso papel naquele espaço. E mais, passamos a escutar e problematizar as relações de gênero que transversalizam os sofrimentos ali expressos.

Essa primeira fase, marcada pela doença e pela queixa, foi provocadora da segunda, cuja potência de vida pôde ser estabelecida mediante a escuta atenta daquelas mulheres. Nosso papel enquanto estagiárias foi de mediação, ou seja, não tínhamos a pretensão de impor verdades àquelas mulheres, mas sim dialogar com as emergências, com as inter-relações, conexões, expressões emergentes no espaço grupal. Foi nesse encontro de sentidos que nasceu o nome do grupo “As Poderosas”. Durante uma atividade de arteterapia duas integrantes do grupo sinalizaram ter pensado sobre um nome para o grupo, ambas de forma tímida propuseram o mesmo nome, “As Poderosas”. A ideia logo foi acolhida por todas, pois, de certo modo, representa o que se busca nesse coletivo, o empoderamento.

Conforme Alves e Seminotti (2006, p.123) as “inter-relações são motivadas pelas singularidades e diversidades dos sujeitos”, pelo próprio grupo “e seus subgrupos e pelas relações produzidas, gerando processos de organização e desorganização, de subjetivação e sujeição, de ordem e caos”. Buscamos a escuta e a mediação entre todos os elementos que compõem aquele espaço: mulheres, estagiárias, todo grupal, contexto maior.

4. AVALIAÇÃO

A potência de vida do grupo de mulheres “As Poderosas” tem possibilitado às participantes a experimentação de outros modos de existir para além da doença. A adesão a este espaço foi materializada na medida em que os vínculos se tornavam cada vez mais fortes. Até o final do estágio, passamos a vivenciar uma importante assiduidade dessas mulheres a este espaço grupal e terapêutico, inclusive algumas chegaram a sugerir a realização do mesmo em duas vezes na semana. Essa solicitação foi observada com cautela, pois tínhamos como premissa o empoderamento e a autonomia, ou seja, o grupo precisava se constituir como um dispositivo transitório e não permanente a partir de relações de dependência.

Foram muitas as experimentações vividas nesse espaço grupal: encontros fora da UBS - no parque; vivências de técnicas de relaxamento; arte-terapia; oficinas de tricô, artesanato e culinária; planejamento mensal de oficinas construído pelas mulheres a partir do desejo coletivo de aprendizagens diversas. Enfim, experimentações e compartilhamento de saberes e fazeres que nesse grupo se mostraram potentes nos processos de mudança individual e coletiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, S.G.; RONZANI, T.M. Psicologia social e saúde coletiva: reconstruindo identidades. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 11-22, dez., 2007.

ALVES, M.C.; SEMINOTTI, N. O pequeno grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 113-133, jun., 2006.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Práticas profissionais de psicólogos e psicólogas a atenção básica à saúde**. 1^a ed.: Brasília, 2010. Disponível em: <http://crepop.pol.org.br/novo/wp-content/uploads/2011/02/Praticas_ABS.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017.

DIMENSTEIN, M.D.B. O psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 3, n. 1, p. 53-81, jun., 1998.

RASERA, E.F.; ROCHA, R.M.G. Sentidos sobre a prática grupal no contexto de saúde pública. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 15, n. 1, p. 35-44, Mar., 2010.